

APAGAMENTO E HISTÓRIA: GEORGE MARCH E O MITO DA FUNDAÇÃO DE TERESÓPOLIS

ERASURE AND HISTORY: GEORGE MARCH AND THE FOUNDATION MYTH OF TERESÓPOLIS

Valdir Eduardo Ribeiro Junior

 <https://orcid.org/0000-0001-6090-1108>

Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil.

Luan Viana Damazio

 <https://orcid.org/0009-0007-4285-0360>

Correspondência: luanchess@gmail.com

Universidade Federal de Juiz de Fora: Juiz de Fora, Brasil.

DOI: [10.12957/cdf.2025.91052](https://doi.org/10.12957/cdf.2025.91052)

Recebido em: 8 abr. 2025 | **Aceito em:** 14 ago. 2025

RESUMO

Este artigo analisa criticamente as narrativas hegemônicas sobre a fundação de Teresópolis (RJ), centradas na figura do colonizador inglês George March, e revela o apagamento sistemático das presenças indígena e negra no processo de ocupação da Serra dos Órgãos. Partindo da perspectiva teórica de Walter Benjamin sobre monumentos como registros da barbárie, o estudo examina obras canônicas, como Colonização de Teresópolis (Ferrez, 1970) e Imagens de Teresópolis (Rahal, 1984), demonstrando como a construção do mito fundacional europeizado silenciou trajetórias de resistência, como o Quilombo da Serra e as trilhas abertas por tropeiros escravizados. Metodologicamente, articula análise documental e crítica historiográfica para desvelar contradições entre o discurso do "território vazio" (presente em Alencar e memorialistas locais) e evidências de ocupação pré-colonial. Conclui-se que essa invisibilização sustenta políticas contemporâneas, como o projeto turístico "Serra Verde Imperial", que naturaliza a memória colonial.

Palavras-chave: Teresópolis; apagamento histórico; colonialismo; George March; quilombos.

ABSTRACT

This article critically examines the hegemonic narratives about the foundation of Teresópolis (RJ), centered on the figure of the English colonizer George March, and reveals the systematic erasure of Indigenous and Black presences in the occupation process of the Serra dos Órgãos. Drawing on Walter Benjamin's theory of monuments as records of barbarism, the study analyzes canonical works such as Colonização de Teresópolis (Ferrez, 1970) and Imagens de Teresópolis (Rahal, 1984), demonstrating



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons BY 4.0, que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.

how the Eurocentric founding myth silenced resistance trajectories, such as the Quilombo da Serra and trails opened by enslaved muleteers. Methodologically, it combines documentary analysis and historiographical critique to expose contradictions between the "empty territory" discourse (present in Alencar and local memorialists) and evidence of pre-colonial occupation. The conclusion highlights how this invisibility underpins contemporary policies, such as the "Serra Verde Imperial" tourism project, which naturalizes colonial memory.

Keywords: Teresópolis; historical erasure; colonialism; George March; quilombos.

1 INTRODUÇÃO

Talvez W. Benjamin (1987) tenha sido o primeiro a ter percebido que os monumentos tradicionais das culturas são na verdade monumentos à barbárie. Às tradições vitoriosas não bastava o espólio, era preciso impor à derrotada o calabouço do silêncio. A invenção de uma tradição é coroada pela guerra e pelo apagamento da história dos derrotados.

Se isso é realmente assim, como falar das tradições que não existem mais ou das quais mesmo suas ruínas são difíceis de encontrar? Como conhecer suas histórias, seus mitos, descrever suas práticas se o que sobrou não passam de fragmentos na paisagem de uma outra tradição? Esse é precisamente o caso das culturas originárias e daquelas escravizadas arrastadas para a região da Serra dos Órgãos quando da invasão e ocupação europeia.

Existem diversos mecanismos compondo uma memória e uma imagem que informam quem deve e quem não deve ser lembrado, quais fatos importam e quais não, como enxergar um acontecimento, ouvir uma história, compreender uma narrativa e as justificativas para os eventos pregressos e presentes. Há um patrimônio com o, ou a partir do qual, é possível se referir a essa memória, tais como as instituições, um padrão linguístico, poesias, músicas, hábitos, política etc. Todos eles juntos, vistos à distância, talvez pudessem ser chamados de Mito, visão de mundo ou ainda ideologia. Todas essas coisas encontram espaço em museus, arquivos, casas de memória e nos registros oficiais que contam a história de uma cidade ou país inteiro.

O narrador que observa as origens a partir dessas fontes corre o risco de consolidar determinados mitos e concepções, legando-as ao presente com aparência de ciência. Parece ser o caso de alguns historiadores – ou memorialistas – da cidade de Teresópolis que, a partir de suas obras, seguindo uma trilha que remonta à presença de alguns ingleses

na região, forneceram algo como um material oficial a partir do qual a história da cidade vem sendo contada.

Foram feitas muitas visitas aos locais oficiais que guardariam essa memória da cidade de Teresópolis e pouco se encontrou que pudesse indicar algo da origem da cidade e de seus primeiros habitantes antes da presença de um inglês chamado George March. As poucas obras de referência encontradas nas bibliotecas das escolas e nos espaços de história da cidade não contemplam praticamente nada do período anterior ao que a história oficial chama de colonização do território do município a partir do século XIX.

Essas obras, todavia, são as referências da identidade local de uma parcela da cidade – consubstanciada em sua elite política – e compõem o que tem sido chamado de “a identidade teresopolitana”, com sensíveis impactos nas disputas políticas locais e nas políticas públicas para a região. A tarefa a que este texto propõe é, portanto, a de se aproximar dessas obras perscrutando-lhes a fim de verificar como se estruturaram suas narrativas e o que dizem acerca das origens do município.

Acredita-se que há nelas, mesmo escondidas sob uma história europeia e branca, algo como uma sombra ou um vulto das culturas e populações não européias que habitavam a região antes e a despeito dos colonizadores. Por essa razão, ao primeiro objetivo se soma a tentativa de lançar algumas luzes sobre alguns desses espectros presentes no conjunto dos relatos oficiais. Como se tentará demonstrar, é possível enxergar que a literatura que serve como referência oficial do município, isto é, aquela que é utilizada para a apoiar o discurso de que a cidade deve sua origem à presença de ingleses, especialmente George March, identifica a presença de ocupação do território por fazendas e tropeiros ainda no século XVII e permite deduzir a presença de nativos brasileiros em períodos anteriores.

A partir disso, entende-se o último objetivo do texto que é problematizar a motivação e os interesses de memorialistas e atores políticos em sublinhar a presença e do empreendimento de George March, “este magnata, inteligente, empreendedor e culto e amigo de Pedro I” (Ferrez, 1970, p. 34), enaltecendo-o, em detrimento de outras possíveis origens da cidade.

Para cumprir tais objetivos, o interesse deste trabalho recai especialmente sobre o período anterior à chegada de George March. E contará, primeiramente, com a análise do “O Guarani” de José de Alencar, além do trabalho de quatro historiadores “locais”, que voltaram suas atenções intelectuais para o município, a saber: 1. Gilberto Ferrez, autor de “Colonização de Teresópolis: à sombra do Dedo de Deus”; 2. uma obra produzida por

inúmeros autores e organizada por um Frei de nome Paulo Gollarte intitulada “Teresópolis: dimensões de uma Jóia”; 3. Um livro por Osíris Rahal chamado “Imagens de Teresópolis”; e 4. uma obra de João Oscar chamada de “História de Teresópolis: síntese cronológica”.

2 TERRITÓRIO E COLONIALISMO A PARTIR DO “GUARANI” DE JOSÉ DE ALENCAR

O relato mais antigo sobre o território do que hoje se chama Teresópolis é de José de Alencar em sua novela “O Guarani” (2005). A obra pede que o leitor imagine a região da Serra dos Órgãos em 1604, quando a ocupação portuguesa teria recém começado na localidade. Ele descreve a natureza local acompanhando o curso de um rio que nasce na “Serra dos Órgãos”, de onde “desliza um fio de água que se dirige para o norte, e engrossado com os mananciais que recebe no seu curso de dez léguas, torna-se rio caudal” (Alencar: 2005, s/p). Ele descreve o curso do Paquequer¹, e convida o leitor a acompanhar seu curso que atravessa o município de Teresópolis, desaguando no “Rio Preto”. Este, por sua vez, leva suas águas da Serra até o Rio Piabanha. Seu destino final antes do mar é o Rio Paraíba do Sul.

O curso do rio Paquequer costuma aparecer como indicativo de conhecimento e ocupação da região de Teresópolis, como em Gilberto Ferrez (1970), que citando Alencar, examina as cartas topográficas do Rio de Janeiro e identifica, a partir da nomeação do rio que corta a cidade, a prova das incursões portuguesas na região. Ele diz, por exemplo:

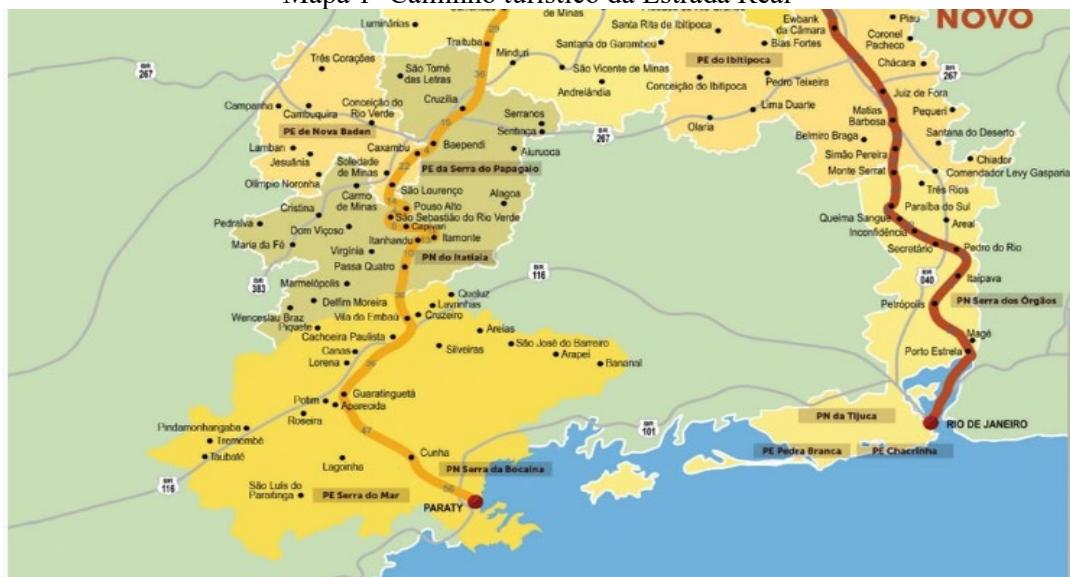
Aires de Casal, na sua Corografia Brasílica falando do rio Piracinunga, afluente do Guapiassú, diz: ‘nasce entre os altos picos da Serra dos Órgãos, poucos côvados arredado da origem do Paquéquera, ramo do considerável Rio-Preto, que se une ao Piabanha obra de léguia e meia antes d'elle se incorporar com o Parahyba’. E mais não diz. O Paquéquera é o nosso Paquequer que atravessa Teresópolis (Ferrez, 1970, p. 14).

¹O rio Paquequer nasce no alto da Serra dos Órgãos, mais precisamente na Pedra do Frade, dentro do território abarcado pelo Parque Nacional da Serra dos Órgãos. ICMBIO, 2025. Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/parnaserradosorgaos/atributos-naturais/50-hidrografia.html>. Existe ainda um outro rio Paquequer que corta o município de Sumidouro e leva suas águas ao Rio Paraíba, no território que atravessa Além Paraíba, município de Minas Gerais na fronteira com o Rio de Janeiro.

Vale do Rio Preto. Desde 1825, São José era a freguesia de São José do Rio Preto. Antes disso, era parte da Freguesia de Inhomirim e, antes ainda, da Freguesia de Nossa Senhora da Piedade de Magé. Ao longo do século XIX aquela freguesia foi desmembrada diversas vezes e do seu território nasceu o município de Paraíba do Sul e várias outras partes que foram incorporadas a Petrópolis em 1892. Essa situação perdurou até 1987 quando São José do Vale do Rio Preto se tornou independente. Hoje a distância entre o centro do município de São José e o segundo distrito de Teresópolis é de 19,5 quilômetros².

Quando o território da freguesia de São José estava completo, ele fazia parte da Estrada Real, caminho que ligava Minas Gerais ao Rio de Janeiro. Hoje o município faz fronteira com Petrópolis e Areal, que fazem parte do percurso histórico. A Estrada Real, saindo de Diamantina, se dividia em duas rotas. Uma delas, mais antiga, levava as tropas de Minas até Paraty e a outra parte do caminho, cortando Petrópolis, levava ao porto de Piedade, aos “fundos” da Baía de Guanabara, onde hoje é Magé.

Mapa 1- Caminho turístico da Estrada Real



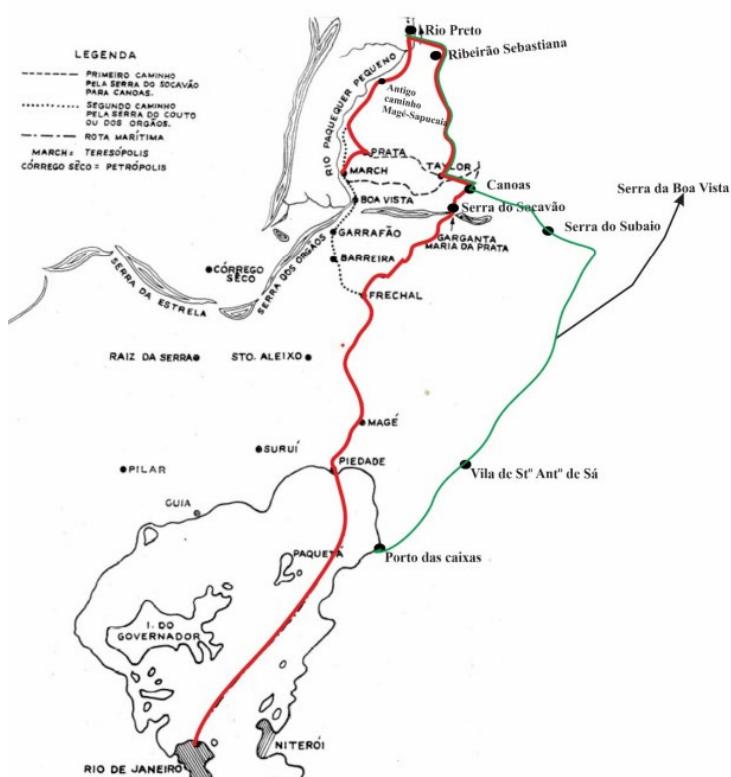
Fonte: Instituto Estrada Real (<https://institutoestradareal.com.br/>)

Saindo da Baía de Guanabara em direção a Minas, a estrada que deixava o porto de Piedade se dividia aos pés da Serra dos Órgãos. A face da cordilheira era contornada pelo oeste seguindo a direção de Córrego Seco (Petrópolis), e foi amplamente utilizada por tropeiros. As montanhas eram contornadas a leste por onde hoje é Guapimirim e a rota entrava no território da cidade de Teresópolis pela região de Canoas, no terceiro

²GOOGLE MAPS, 2025. Disponível em: <https://www.google.com/maps/dir/Serra+do+Capim>.

distrito do município. Um terceiro caminho foi aberto mais tarde, enfrentando a cordilheira de frente, levando ao sentido do Garrafão.

Mapa 2 - Rotas do Porto de Piedade à Serra dos Órgãos (caminhos para a fazenda March) nos séculos XVIII e XIX.



Fonte: Canabrava, Eduardo (1908-1981). *Apud* Ferrez (1970, p. 23, estampa 4) *apud*. Santos, 2024³.

A obra de Alencar pede que se imagine um tempo muito anterior a este, quando ainda não havia rotas de escoamento de ouro ou de café. Ele quer produzir o efeito estético de uma obra épica, posicionando os acontecimentos em uma terra e em um tempo distantes, quando a civilização ainda lutava por dominar o mundo selvagem. Alencar descreve a região na qual:

Tudo era grande e pomposo no cenário que a natureza, sublime artista, tinha decorado para os dramas majestosos dos elementos, em que o homem é apenas um simples comparsa. No ano da graça de 1604, o lugar que acabamos de descrever estava deserto e inculto; a cidade do Rio de Janeiro tinha-se fundado havia menos de meio século, e a civilização não tivera tempo de penetrar o interior (Alencar, 2005: p. 10).

³ SANTOS, Marcos Antonio Granito dos. “A Região do Ribeirão Sebastiana: um espaço social de vocação agrária em meados do século XIX (1850-1889) Dissertação de Mestrado UERJ – 2024.

Destaca-se: uma região não penetrada pela civilização. A casa do colono, “à margem direita do rio uma casa larga e espaçosa, construída sobre uma elevação, e protegida de todos os lados por uma muralha de rocha cortada a pique (Alencar, 2005), surge como um reduto que protege e separa o selvagem do civilizado. Alencar explica que:

Na posição em que se achava, isto era necessário por causa das tribos selvagens, que, embora se retirasse sempre das vizinhanças dos lugares habitados pelos colonos, e se entrassem pelas florestas, costumavam, contudo, fazer correrias e atacar os brancos à traição (Alencar, 2005, p. 14).

A novela de Alencar flerta com um paradoxo, pois, toda a obra transcorre no interior de um conflito entre a cultura nativa e a civilização, mas que, de alguma forma, tomou forma em um lugar que era “deserto” e “inculto”, mas é um deserto cheio de vida e de gentes, o que se escancara na própria narrativa de Alencar e dos relatos da época.

A carta topográfica de Conde da Cunha, de 1767, por exemplo, descreve a capitania do Rio de Janeiro e apresenta as rotas que seguiam à Serra dos Órgãos. Uma delas saia do porto de Piedade em Magé e seguia a face oeste da Serra dos Órgãos em direção a Minas, seguindo o Rio Piabanga - que corta a cidade de Petrópolis. A outra, seguindo em direção à face leste das montanhas, mas interrompida nos pés da serra. Atrás dela o que o Conde de Cunha identifica como um “Certão (*sic*) ocupado por Índios Bravos” (Cunha, 1767), dando a entender que a civilização portuguesa não havia ainda se fixado na região, mas que esta já era povoadas.

Alencar instiga a questão sobre toda aquela existência. Quem eram aqueles povos, como viviam? Para onde e como foram? Todavia, para os fins a que este texto se propõe, alardeia mais o fato de os historiadores da cidade de Teresópolis não terem percebido o paradoxo do deserto povoado ou não o terem tematizado. Para todos eles, a origem da cidade só se deu quando finalmente a presença inglesa aterrissou na serra no início do século XIX, com a vinda de George March.

Essa concepção de território vazio, deserto porque ainda não tocado pela civilização, cumpria uma função importante no imaginário do europeu colonizador. Uma natureza virgem e inculta a ser cultivada e dominada alimentava o espírito militar da invasão porque convidava os bravos a buscar a honra, a des-bravar aquele sertão. Também oferecia um vislumbre à exploração econômica porque “nada” lá foi cultivado. Era um

convite ao empreendimento e à colonização do território. Quando o europeu se olhava no espelho, podia ver um missionário portador da civilização, do avanço racional destinado a ocupar um mundo feito para ele.

Autores mais recentes dizem que a região já havia sido dividida e distribuída na forma de sesmarias desde o século XVI, mas seria possível que essa distribuição tenha sido formal e não tenha implicado em ocupação portuguesa.

Gilberto Ferrez (1970) lembrou que:

Poucas pessoas se dão conta, e é preciso assinalar, que os terrenos adjacentes às embocaduras de todos os rios que desaguam no fundo da baía de Guanabara, estavam ocupados ou dados em sesmarias, ao terminar o século XVI. No século seguinte, esta conquista na baixada fluminense do recôncavo guanabarino é intensificada e grandes áreas são dadas em sesmarias (Ferrez, 1970, p. 15).

Os mesmos sesmeiros, diz Ferrez, se aventuravam Serra acima ainda em 1632. “É assim que João Gonçalves, Salvador Gonçalves e Baltazar de Oliveira obtêm 6.000 braças ‘de sobejos pelo Rio de Magé a sima athe a serra dos Orgãos’” (Ferrez, 1970, p. 17). Contudo, ao transcrever a íntegra do documento de uma dessas sesmarias, ele alerta que:

Da leitura dêste documento depreende-se que a região era tão remota e desconhecida que o interessado apenas tinha por notícias conhecimento da existência de terras devolutas e tão pouco cita-se o local exato da sesmaria mas apenas o local mais conveniente detrás da Serra dos Órgãos que, certamente, seria demarcado mais tarde (Ferrez, 1970, p. 17).

Não seria de se espantar, portanto, que a presença portuguesa no curso do Rio Paquequer na novela de Alencar fosse antes resultado de uma projeção e que a região permanecesse sob domínio indígena. Em outras palavras, não seria possível deduzir da distribuição de sesmarias a presença de portugueses na região no século XVI, nem no início do XVII.

A distribuição de sesmarias como prova do interesse na região é repetida por Paulo Paranhos, que destaca que as primeiras sesmarias na região foram distribuídas “a partir de 1564, quando Simão da Mota recebeu terras do governador Cristóvão de Barros” (s/data, p. 76). E por José Oscar (1991) que identifica muitas outras sesmarias na região

distribuídas a partir do ano de 1612, e destaca especialmente aquela concedida “a Diogo de Coelho Albuquerque uma légua em quadra por trás da Serra dos Órgãos” que seria, de acordo com o autor, “historicamente, a primeira sesmaria situada em território do atual município de Teresópolis” (Oscar, 1991, p. 17).

Paranhos destacou a sesmaria concedida em 1762 “como a mais significativa para a historiografia da cidade”, pois ela corresponde à “doação de sesmaria a João do Couto Pereira” (s/data, p. 76). Essa instalação teria sido transformada na Fazenda do Paquequer por “João do Couto Pereira (ou seu possível herdeiro Joaquim Clemente da Silva Couto) [...] no atual bairro do 'Alto, e rasga, na serra ‘do Couto’ em plena garganta da serra dos Órgãos, no atual Soberbo, a ‘estrada do Couto’ (Oscar, 1991, p. 19). O destaque de Paranhos ocorre porque essa sesmaria é a que teria sido arrendada por George March no início do século XIX, em 1818.

O interesse na região estava muito mais longe dos impulsos aventureiros dos colonizadores do que do seu interesse nas rotas que ligavam os portos do Rio de Janeiro às minas de Minas. A mineração estimulou que se criasse estradas como a que trazia os mineiros à Paraty e outras que encontrassem caminhos mais seguros e rápidos ligando as regiões. Em uma dessas empreitadas fez-se a estrada que, partindo do porto de Piedade, seguia o rio Inhomirim e subia a serra, acompanhando o rio Piabanga, cortando Petrópolis e encontrando a estrada antiga no encontro dos Três Rios.

Se, ao longo do século XVI, a ocupação portuguesa da região oscilou, a partir da mineração priorizou-se à face leste da Serra dos Órgãos no intuito de pavimentar novas rotas para Minas Gerais. Esse também parece ser o motivo que estimulou, tanto a ocupação de terras aos “fundos” da Serra em direção ao mar, quanto as tentativas de avançar em novas rotas, seja enfrentando as montanhas de frente ou as contornando pelo Oeste.

Como diz Ferrez (1970):

As fazendas foram aos poucos invadindo as margens do Paraíba do Sul, em direção de Sapucaia e Pôrto Novo, e subindo os seus afluentes da margem direita. Esta conquista do sertão por trás da Serra dos Órgãos era mais fácil vindo do Paraíba do que galgando o tremendo paredão recoberto de densa mata virgem da serra dos Órgãos (Ferrez, 1970, p. 21).

Ferrez ajuda a pensar uma outra dimensão dessa ocupação. Quando ele diz que seria mais fácil abrir picada na região vindo da direção do Rio Paraíba, ele sugere a inversão de uma lógica que alimenta a narrativa da origem da cidade, a saber, o fato de que ela pode ter sido invadida e ocupada não a partir do Rio de Janeiro, mas a partir de Minas gerais. Caminhar para Minas pela região de Petrópolis e buscar rotas alternativas - muitas vezes ilegais - para escoar os metais preciosos arrancados das minas não parece uma explicação absurda.

Seja como for, entre o “deserto” de José de Alencar e a ocupação do território por portugueses há um século de distância, o que preencheu o vazio civilizacional na região não foi outra coisa senão o interesse no ouro mineiro e o desenvolvimento que essa empreitada produziu, com fazendas e postos de apoio para o intenso movimento de tropeiros que ligavam a produção de Minas aos portos no Rio.

Como mostramos acima, estas terras foram dadas em sesmarias durante o século 17 e 18 e abrangiam toda a vasta região regada pelos rios Paquequer Pequeno, Imbuí, Socavão, e Rio Prêto até o Paraíba, que aos poucos foi se povoando ralamente de fazendas. Portanto não há nada de estranhar que em 1788 já houvesse povoado e ‘algumas fazendas como a do Engano, uma ou outra casa dispersa em muitos pontos do Imbuí abaixo e acima da grande cascata’, como escreveu o articulista anônimo, do Jornal do Commercio de 19-IX-1908, baseando-se em planta feita por Baltazar da Silva Lisboa. É provável, e quase certo, que já antes de 1788 existisse uma vereda como escoadouro dos produtos das fazendas, marginando o curso do rio Prêto passando por Venda Nova e Canoas alcançava o rio e Serra do Socavão e daí, pela garganta da Maria da Prata, descia pelas cabeceiras do Guapi sobre Frechal (Bananal), Magé e pôrto de Piedade. Foi por este caminho que Baltazar da Silva Lisboa subiu para estudar as terras por trás da Serra dos Órgãos. Esta vereda, depois caminho, transformou-se em estrada em princípios do século 19 e tomou impulso graças aos cafezais do interior à procura do escoadouro rápido (Ferrez, 1970, p. 21/22).

Assim, é possível afirmar que o impulso decisivo à ocupação do território que hoje é Teresópolis se iniciou no início do século XVIII como consequência da atividade de mineração, se relacionando ao movimento das tropas e ao interesse em encontrar novas rotas para Minas. George March, como lembra José Oscar, “era de origem inglesa, mas nascido em Portugal”, ou seja, “um súdito inglês nascido e criado em Lisboa” Gollarte (*et al.*, 1966) e somente subiu a serra “depois de se estabelecer no comércio, no Rio de Janeiro, e de se meter na atividade de mineração, em Minas Gerais”. Quando, em 1818, ele arrendou “a Fazenda do Paquequer, de herdeiros de Joaquim Clemente da Silva Couto,

e se fixa no ‘alto’ da serra, na região do atual Comari” (Oscar, 1991, p. 22), seu movimento deveria ser considerado antes uma consequência desse processo do que o acontecimento originário do município.

Toda essa conversa sobre a ocupação portuguesa do território do município tem como pano de fundo a presença indiscutida de povos indígenas. O muito pouco que se fala sobre quais povos, culturas e hábitos estavam enraizados na região não autoriza que se afirme algo sobre os povos nativos e sugere questões sobre eles que não são possíveis de serem respondidas aqui, nem fazem parte do objetivo do texto. Sua questão central é debater a motivação dos memorialistas em sublinhar a ocupação europeia como momento originário da construção da cidade, o que ficará mais evidente na análise que segue abaixo.

3 “A COLONIZAÇÃO DE TERESÓPOLIS” DE GILBERTO FERREZ

Gilberto Ferrez – que dispensa apresentações graças à sua importância enquanto colecionador, historiador e catalogador de informações da história do Rio de Janeiro – deixou uma obra chamada “Colonização de Teresópolis: à sombra do Dedo de Deus”, datada de 1958, que é a grande referência para todos os que estudam a cidade e suas origens. Verdade seja dita, as outras obras analisadas que são posteriores a de Ferrez, têm nessa primeira mais do que uma inspiração. São tantos os registros de fontes do século XIX, de diários e imagens de viajantes recolhidos e apresentados por Ferrez que seria tedioso demonstrar o quanto os autores posteriores recorreram a Ferrez em busca dessas fontes.

Ferrez teve acesso a uma vasta documentação do Brasil colonial desde cessões de sesmarias a cartas cartográficas, passando por diários de viajantes que estiveram no país e visitaram o Rio de Janeiro e a Serra dos Órgãos a partir do século XIX.

A primeira parte de seu livro é dedicada ao exame de documentos que mostram as etapas iniciais da presença na região através dos mapas e da sesmaria. Ferrez descreve a formação das rotas que levavam do Rio a Minas e discute as possíveis primeiras ocupações do costado da serra. Quando o exame dos acontecimentos e documentos anteriores ao século XIX termina, o livro passa a uma segunda etapa e sua linguagem se altera profundamente.

No lugar da análise documental, surge uma narrativa apologética que mostra um George March repleto de virtudes heróicas, coroadas pelo caráter inglês de seus negócios e de seu nascimento. Ser inglês, na obra de Ferrez, era também uma virtude do “magnata, inteligente, empreendedor e culto” George March (Ferrez, 1970, p. 34).

Assim, podemos facilmente visionar a casa de March, grande com o proverbial conforto inglês, bons sofás e móveis diversos, de estilo inglês, louças e piano inglês, boa prataria inglesa, e quem sabe, portuguêsa e nacional também; biblioteca, sala de bilhar; nas paredes, pinturas e gravuras inglesas de caçadas, aspectos de Londres, talvez de Lisboa. Nas estrebarias, bons cavalos, com arreios ingleses, e uma carroagem ligeira inglesa, mais leve e mais elegante do que a sege portuguêsa. No jardim, flôres nossas de mistura com outras trazidas da Europa, o lawn para o croquete ou bowling [...]. Gilberto Freyre já disse - ‘É do alto de suas chácaras, em geral situadas em morros e rodeadas de arvoredo, os mais opulentos dentre aqueles negociantes foram se tornando uma influência renovadora, e mesmo revolucionária, da cultura semi-colonial do Brasil’. E não há dúvida o protótipo de uns dêstes ingleses, nesse sentido foi, como provaremos, (March, 1970).

Entre os vários diários de viagem, Ferrez se refere especialmente aos de George Gardner, Edward Fry⁴ e de Robert Walsh. Em comum: ingleses que percorrem o caminho que leva do porto de Piedade à sede da fazenda March no atual bairro do Alto; os três narram encontros com centenas de tropeiros e suas mulas abarrotadas de mercadorias cruzando a região e fazem descrições das produções da fazenda e suas impressões sobre as paisagens locais.

Ferrez não registrou nenhum contato com indígenas na região entre o Porto de Piedade e a fazenda de March, mas descreveu muitos encontros com negros escravizados empregados nas fazendas e nas tropas de muares. Retomando os registros de Gardner, apresentou as detalhadas enumerações de animais, de escravos, informações sobre as culturas presentes na fazenda, alguns dados geológicos, climáticos e forneceu alguma informação sobre hábitos alimentares. Também apoiado neste inglês apresentou uma breve descrição das senzalas. Para falar de como se dava a relação de March com os escravos, Ferrez prefere essa passagem do trecho do diário de um dos sobrinhos de George March:

⁴ Quando a obra de Ferrer foi publicada, o diário de Edward Fry era um documento inédito e fazia parte da coleção particular do então embaixador Joaquim de Souza Leão Filho. Os diários de Walsh e de Gardner são facilmente encontrados em buscas virtuais. O diário de Fry não consta no acervo da Biblioteca Nacional e não foi encontrado nas buscas feitas na internet.

A escravatura, que calculou em 130 indivíduos, alimentava-se de milho, feijão, legumes e, de vez em quando, de carne. Era a comida abundante e afirma: ‘não se pode comparar (o passado dos camponeses europeus) com o sustento abundante e direi até nutritivo dos negros do Brasil, e além disso, raras vezes são obrigados a trabalhos excessivos’. (March, 1970, p. 72).

Em um artigo de 2017, se utilizando dos mesmos diários para analisar a condição social do negro escravo no século XIX, Barreiro informa que Gardner teria presenciado uma espécie de celebração teatral por conta das festividades de Natal. Esse é o trecho escolhido do registro da visita de Gardner a March:

Gardner (1846) acrescentou, quando lá esteve, quase uma década após a visita de Walsh, que, além de cavalos e mulas, na fazenda também havia uma grande plantação de hortaliças que supria regularmente o mercado do Rio de Janeiro com vegetais de origem europeia. Comentou ainda que a disciplina imposta aos escravos na fazenda era bastante rigorosa, mais, aliás, do que em outras que ele havia visitado no Brasil (Gardner 1846, p. 48 *apud*. Barreiro, 2017 p.571).

Essa celebração de Natal teria consistido em uma espécie de protesto contra a condição da escravização inspirada na revolta dos Malês ocorrida um ano antes da visita de Gardner e a qual os negros teriam tido acesso pelos jornais da época (Barreiro, 2017, p. 578). Não cabe neste texto o debate sobre a condição social do negro como Barreiro o faz, mas é preciso se perguntar o porquê deste relato ser preterido na obra de Ferrez em relação àquele do sobrinho de March. Por que Ferrez, para quem “March não era um vulgar comerciante, mas sim um agradecido ao país que tão bem o recebera e que se esforçava para melhorar a sua produção” (1970, p. 41) não cita a passagem? Por que o autor não apresentou este relato inocente do diário de Gardner sobre o homem de cuja fazenda “os pastos eram mantidos limpos, sendo as ervas daninhas arrancadas à mão, por crianças de 6 a 12 anos, por não estragá-los com enxadas” (*Idem*, p. 41)? A resposta é George March. O fundador do município não poderia ser maculado, confundido com um senhor de escravos – como qualquer outro – em terras brasileiras.

Já no século XX, acusar a missão colonizadora, tão virtuosa quanto poderia ter sido, de ter tido escravos e tê-los tratado como eram tratados todos os escravos seria uma mácula. Parece que o exagero de Ferrez ao elogiar March é uma compensação, uma forma de direcionar o olhar para outras coisas que não a realidade escravocrata brasileira, ou ao menos não permitir que se veja o empreendimento colonial de frente, em toda a sua feia

magnitude. Seja como for, ficaram plantadas as sementes do mito de fundação e de George March como seu herói.

4 “AS DIMENSÕES DE UMA JÓIA”

Na obra “Dimensões de uma Jóia” de Gollarte (*et al.* 1966) aparece que a primeira das sesmarias na região que hoje é Teresópolis data de 1655. As seguintes teriam sido concedidas a proprietários com meios econômicos para explorar a região, o que significa, recursos e escravos suficientes para se estabelecerem no território (Gollarte *et al.* 1966, p. 36). Dessa forma, os autores acreditam que o século XVII conheceu os primeiros proprietários do território em que seria formada Teresópolis (1966, p. 37).

Os autores enfatizam que no período anterior ao que chamaram de “Período March”, havia intensa movimentação na região, em especial de tropeiros, que se utilizavam dos caminhos abertos na Serra dos Órgãos para o Rio de Janeiro. Ao lado da estrada de Córrego Seco (Petrópolis) fazendo a ligação entre os territórios mineiros e a capital, os moares se utilizavam de estradas na região de Teresópolis, contornando o território atual do município pelos “fundos”, se aproximando de Cachoeiras de Macacu para alcançar os “fundos” da Baía de Guanabara.

Nessa obra sobre a vida antes da fazenda March, exceto nas referências a “índios bravos”, nada há de novo em relação a Ferrez. Mas sobre a circulação de pessoas é outro caso. A obra se preocupa em descrever largamente o desenvolvimento da região a partir da fazenda de George March, em especial no que tange à produção agrícola. Ele teria introduzido a produção de chá e, segundo os autores, uma versão inicial do turismo uma vez que construiu casebres - com estruturas similares às das senzalas - para receber visitantes e, provavelmente, abrigar os tropeiros.

Mesmo reconhecendo constantemente a presença desses inúmeros tropeiros que vinham de Minas Gerais por pelo menos 50 anos antes da fazenda do inglês, não tiveram dúvidas sobre o “pioneerismo” de March. Essa certeza se faz sentir quando recuperam os registros que Ferrez fez sobre George March: o inglês “decidiu, então (como é próprio do espírito europeu), desbravar aquelas regiões pouco conhecidas” (Ferrez: 1958 *apud.* Gollarte *et al.* p. 55). E afirmam que as terras que ele cultivou “eram, anteriormente à sua chegada, matas virgens que ele derrubou e transformou em pasto muito nutritivo” (*Idem*, p. 55). Tudo isso porque “a hospitalidade generosa ao homem, independente da nação,

classe, raça, ou religião, foi o cunho do povoado serrano. A ousadia colonizadora de George March a plantou” (*Idem*, p. 483). Aparentemente na jóia da colonização inglesa não havia espaço para a vida dos tropeiros e escravos que circulavam a região e, muitas vezes, se fixavam no território. São pedras não tão preciosas.

Uma vez encontrada a origem na fazenda March, os autores tratam de descrever a trajetória do imóvel, as crises subsequentes à morte do inglês e a divisão da fazenda em lotes menores. Observam o crescimento e o declínio da cidade atrelados aos ciclos econômicos mineiros e seu compromisso econômico com a capital. afirmam que o desenvolvimento da fazenda estaria entrelaçado aos rumos do próprio município e que com a fazenda haviam nascido as vocações da cidade: a agricultura, o turismo e o veraneio, isto é, eles explicam a que a produção de insumos agrícolas adaptados às necessidades da capital fluminense - principal fonte de riqueza de Teresópolis àquela altura - decorreria da vocação da fazenda de March voltada às necessidades dos europeus da corte instalados no Rio de Janeiro.

Os autores aceitam com espantosa naturalidade a ideia de que March e sua fazenda desenharam o futuro do município. Deram-lhe as vocações e a primeira forma. Eles seguem bem de perto as conclusões de Ferrez, para quem March teria sido:

O descobridor, o desbravador e o fundador de Teresópolis. Graças a ele as belezas teresopolitanas ficaram internacionalmente conhecidas. Foi o introdutor da agricultura ainda hoje existente. Foi também o primeiro a introduzir a atividade de veraneio (Ferrez, 1970, p.65).

Essa naturalização da presença do inglês é uma apologia, uma militância em prol de um passado europeu e, ao mesmo tempo, uma recusa de um passado forjado pelo trabalho de pessoas escravizadas. Os elogios quase infantis - mas nada inocentes - a George March se presta a fortalecer o mito do homem forte e nobre, através do qual Teresópolis veio ao mundo, fruto de uma terra fecundada pela virilidade do inglês colonizador, em nome do qual todas outras histórias poderiam ser esquecidas.

5 “IMAGENS DE TERESÓPOLIS”

A obra de Osíris Rahal (1984) foi publicada quase 20 anos depois de “Das dimensões de uma Jóia”. A obra consiste em um registro de imagens composta tanto por

desenhos feitos por viajantes quanto de fotografias do tempo de Daguerre, em que se vêem as famílias, as fazendas, algumas tropas de muares e as paisagens de Teresópolis.

Dentre as várias imagens, as dos tropeiros são particularmente interessantes. Nestas é possível quase todas as vezes enxergar no centro da imagem um homem de feições caucasianas, geralmente montado em um cavalo, os burros de carga com sacos no lombo e um número muito significativo de homens que parecem negros, desmontados e carregando também sua carga ou dando atenção aos animais. Esse povo negro surge nas imagens misturados à paisagem, como um pano de fundo ou uma tela na qual a história que se deseja contar transcorre.

Para Rahal, “a História de Teresópolis é praticamente contemporânea, abrangendo parte do século dezoito XVIII, dezenove (XIX) e vinte (XX) (...)" (1984, p. 17). Tanto quanto os outros, Rahal supõe que o marco de origem da cidade é a fazenda de George March e a história que ele deseja contar com as imagens é a de uma existência a partir da presença inglesa. Essa presença funciona como o marco de referência que divide o antes e o depois, a história da pré-história do município em que somente “índios bravos” deveriam pisar na região. Em suas palavras:

A ‘Pré-história de Teresópolis’, se assim chamarmos o período anterior à sua colonização ou aos primórdios de sua história, tem início em suas ‘origens’ até o ‘descobrimento dessas terras’, predominantemente, pertencentes a índios e, posteriormente, a negros, escravos fugidos dos canaviais da Baixada” (Rahal, 1984, p. s/n.).

Entre essa passagem e uma imagem de Manuel Madruga descrita abaixo, Rahal apresenta de forma sintetizada o que seria uma lenda indígena sobre Teresópolis e sua origem. Em síntese, após duas tribos rivais travarem uma guerra por uma princesa, a tribo que habitava a serra de Aça-Bangu⁵ deixou o local em busca de Ayuruoca, sua terra sem males. Essa narrativa, em tom mítico, logo na abertura do texto, talvez indique que Rahal quisesse criar uma divisão entre o tempo em que imperou o pensamento mítico e o presente entregue às capacidades ímpares da razão civilizada. Se for assim, a civilização colonizadora representada na figura de George March significaria o crepúsculo de um

⁵ Aparentemente Aça-Bangu significaria grande paredão sombreado. Era o nome usado para identificar o Dedo de Deus.

mundo mítico, sem história, que teria dado lugar a uma Teresópolis que viria a superar aquele passado selvagem.

Recorda que havia testemunhos – como as histórias contadas por um escravo alforriado de nome Galdino, falecido na década de 60 – de que caminhos que saiam do Rio de Janeiro em direção à Minas Gerais contornavam a Serra dos Órgãos em direção a Minas. Registra que só anos mais tarde, em fins do século XVIII, a rota que partia dos fundos da Baía de Guanabara encarando de frente a Serra dos Órgãos seria utilizada. Ele diz que:

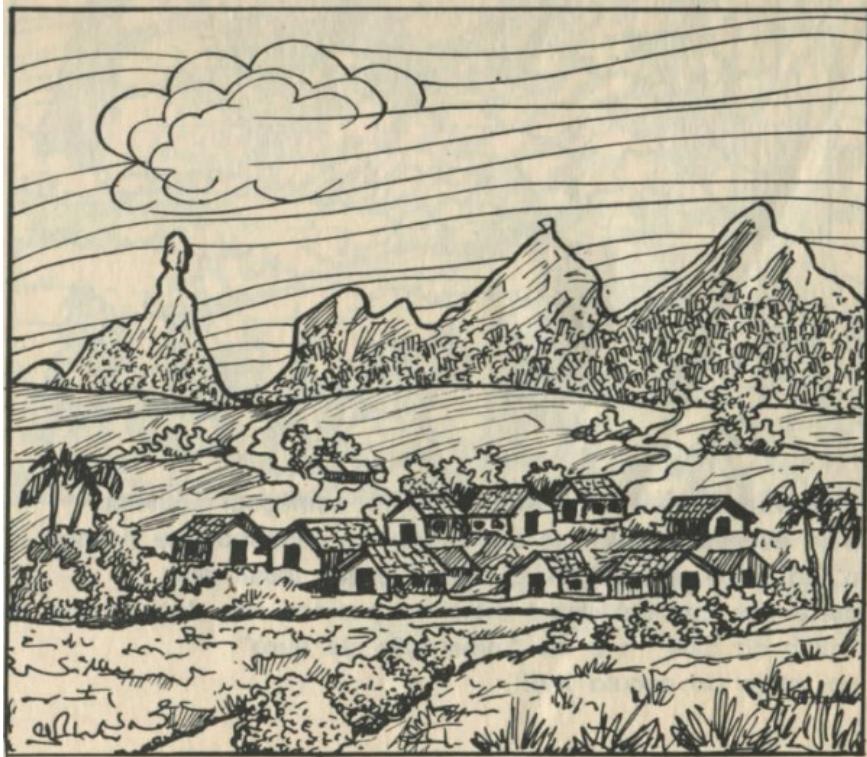
Este caminho seguia as trilhas usadas antes pelos indígenas e depois pelos negros escravos foragidos dos canaviais da Baixada (ciclo do açúcar - século XVI e XVII) conhecido pelos antigos e por nós mesmos de ‘Caminho dos escravos’ (Rahal, p. 26).

Entre a chegada de March e a presença indígena, Rahal aposta que a serra foi morada dos que fugiam da escravidão que tomou forma na baixada. Diz o autor:

Muitos anos depois, chegavam os negros, escravos foragidos da lavoura canavieira da Baixada Mineiro, que protegidos pelo ‘Dedo de Deus’ aqui viveram, fixando-se com sua prole, abrindo trilhas, rasgando florestas, formando clareiras para o cultivo da terra, como técnicos que eram, pois vieram da escola prática do cativeiro, formando o ‘Quilombo da Serra’ e constituindo-se em nossos primitivos povoadores (Rahal, 1984, p. 24).

Acompanhando essas informações há duas imagens: a primeira de Manuel Madruga - teresopolitano nascido em 1874 - em que se vêem quatro indígenas caçando nas florestas da Serra dos Órgãos. A segunda é uma imagem à pena de H. Amado em que se vê o “Quilombo da Serra” ligado por duas estradas aos pés da cordilheira de montanhas. Em uma delas vai-se diretamente ao Dedo de Deus. Na outra, o caminho leva a Pedra do Sino (Rahal, 1984, n.p.).

Figura 1 - Desenho do Quilombo da Serra. Quadro conjectural, a bico-de-pena, de H. Amado



Fonte: Rahal, 1984.

A figura contém o que parece ser uma distorção. O Quilombo está instalado em uma área razoavelmente plana com vistas para o Dedo de Deus o que, para os condescendentes de Teresópolis, sabe-se que é impossível. Todavia, o Dedo de Deus aparece tal como visto do ponto de vista de Teresópolis, isto é, com o seu cume à direita seguido da Pedra Cabeça de Peixe e da Pedra do Sino na outra ponta do quadro.

O quadro parece juntar suas imagens obtidas em posições diferentes: a imagem do Quilombo sugere a baixada fluminense, o que se verifica pelas duas estradas em direção à Serra e pelo terreno mais plano em relação ao alto da serra; a esta somou-se o ponto de vista da Serra dos Órgãos vista de Teresópolis. Isso pode significar o desejo de produzir um efeito estético mais do que sugerir um fato histórico tal como Rahal interpreta a imagem.

Se se tomar essa imagem literalmente, é preciso reconhecer que havia um Quilombo instalado na região, indicando a presença de negros e negras fugidos da escravidão e povoando o território antes da chegada portuguesa ao alto da serra, portanto, antes de March, ou pelo menos que a região servia de abrigo aos fugitivos das fazendas de açúcar da baixada fluminense ainda no século XVII.

Roberto Féo reuniu uma série de avisos de busca por escravos fugidos desde a formação da fazenda March. Pessoas escravizadas que escapavam, provavelmente em

direção à Serra dos Órgãos ou que escapavam da própria fazenda March rumando não se sabe para onde. Féo apresentou relatos como estes que seguem. Em um deles, um dos fugitivos chega a fazenda March:

“17 de abril 1830 na Fazenda Santa ana do Paquequer, Serra dos Órgãos, onde mora George March, apareceu um preto fugido, alto e robusto, cara cumprida, e apresentando 25 anos de idade, e diz chamar-se Salvador, também tem dado o nome de Joaquim, e pertence ao Sr. Antônio” (Féo, 2016, p. 23).

Em outro caso, registrou-se a fuga da própria fazenda March:

02 de abril de 1831 - escravos fugidos - Há três ou quatro meses fugiram da fazenda do Sr. george March na Serra dos Órgãos, dois moleques meio bocões, com os sinais seguintes: um chama-se Hilário, alto magro, nação Angola, o outro chama-se Firmino, baixo e grosso, da mesma nação (Féo, 2016, p. 27).

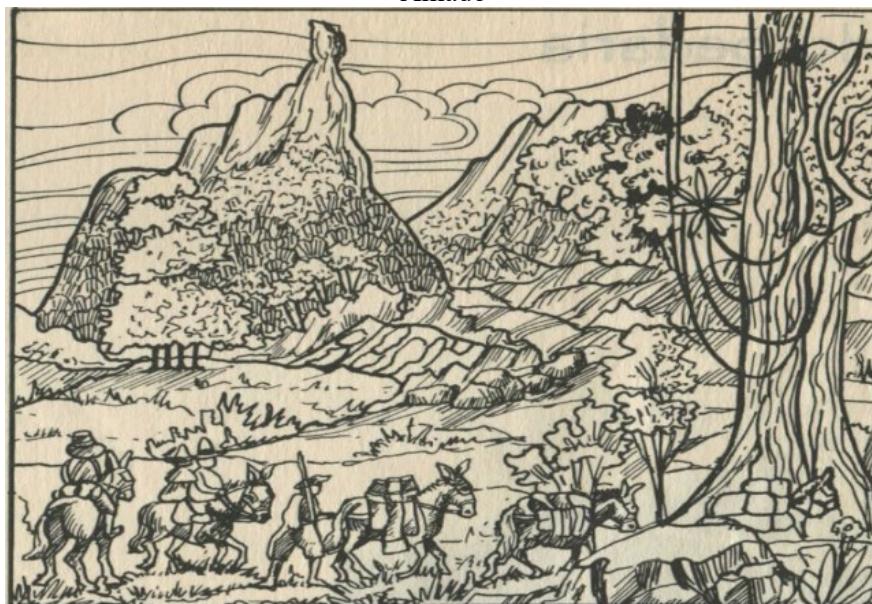
A movimentação de fazendas e tropas desde o século XVI na região era sinônimo da presença de pessoas nativas ou africanas escravizadas. Então não espanta que houvesse relatos constantes de busca por fugitivos na região, mas isso ainda é insuficiente para concluir a presença de um Quilombo na região de Teresópolis. Sabe-se, entretanto, que Magé, Petrópolis e Areal conheceram a experiência quilombola e algumas dessas comunidades ainda sobrevivem na região⁶. A obra de H. Amado que Rahal apresentou poderia resultar da imaginação do artista em diálogo com uma situação conhecida da região.

Entretanto, uma outra imagem do mesmo autor apresentada por Rahal ajuda a entender a distorção. Novamente a imagem da Serra dos Órgãos aparece na pena de H. Amado, mas, dessa vez, tropeiros são mostrados percorrendo seu caminho rumo à montanha. Novamente o Dedo de Deus aparece invertido para quem o observa do Rio de Janeiro. Sobre essa inversão só é possível especular. Talvez o autor estivesse querendo mostrar que conhecia o ponto de vista de Teresópolis, ou estivesse se apoiando em desenhos feitos da perspectiva de quem estava no alto da serra. Talvez tenha se equivocado. Seja como for, a segunda imagem parece confirmar a suspeita de que o

⁶ KOINONIA. “Relatório Comunidades Quilombolas do Estado do Rio de Janeiro”. Koinonia, 2021.

Quilombo da Figura 1 estava mesmo na baixada fluminense e não no alto da serra, como sugere Osíris Rahal.

Figura 2 - Desenho de Tropeiros subindo a Serra. Quadro conjectural, a bico-de-pena, de H. Amado



Fonte: Rahal, 1984.

Rahal reconhece que a ocupação do município se relaciona a fatores que nada tem a ver com a genialidade inglesa ou com as virtudes do colonizador George March. Ele descreve as rotas de chegada ao município percorridas pela face oeste da serra e informa que parte dos caminhos que surgiram na região decorriam de atividades ilegais relacionadas à mineração.

O devassamento do nosso território começou motivado pela necessidade de se encontrar um caminho que ligasse o Rio de Janeiro às Minas Gerais e que fosse mais curto dos que até então eram conhecidos, em decorrência do ‘ciclo do café’ e o da ‘mineração de ouro’, no início do século XVIII. Nessa incessante busca de caminhos para o transporte de mercadorias, inclusive de início para fugir à Fiscalização, surgiu o ‘Atalho do Caminho Novo’, através de Piedade (porto situado na Baía de Guanabara) e Magé, que galgando a Serra dos Orgãos, por Sapucaia, via Canoas, atingia o sertão, caminho este abandonado pela subida por Bananal, Barreira, Garrafão e Soberbo, exatamente o nosso denominado ‘Caminho dos Escravos’ (Rahal, 1984, p. 26).

A narrativa de Rahal, contudo, encara esses momentos entre os séculos XVII e XVIII como a pré-história de Teresópolis. Então os negros, “nossos primitivos

povoadores” (Rahal: 1984, p. 24) são, ao lado dos nativos, parte de um tempo sem história, parte daquilo que criou as condições para que a civilização finalmente se instalasse e desse início ao tempo histórico para a cidade.

O consenso entre os memorialistas e historiadores ao redor de George March não contempla a ideia de que os colonizadores poderiam estar seguindo a trilha aberta por aqueles que fugiam da escravidão e do extermínio, porque, possivelmente os estavam perseguindo. É interessante imaginar que a ocupação do território poderia ter se dado sobrepondo-se às trilhas que essa gente abriu montanha acima.

O tal “caminho dos escravos” que Rahal destaca seria o caminho percorrido por George March para instalar sua fazenda no século XIX e onde, mais tarde, se pavimentou a estrada Rio-Teresópolis, parte da BR-116. O que Rahal não admite é que a estrada, o caminho e o Quilombo significam que a região não era, propriamente, um lugar de produção para abastecimento da colônia, mas refúgio para alguma liberdade possível para esses povos que resistiram à invasão colonizadora e, por que não dizer, ao capitalismo à brasileira que se consolidava por essas terras. Entretanto, nenhum dos autores que aqui são debatidos dirá nada além disso que Rahal apresentou. Em verdade, ele foi o único a ir tão longe na consideração da presença de negros e indígenas na região.

6 “UMA SÍNTESE CRONOLÓGICA”

A obra de João Oscar “Uma síntese cronológica”, produzida em 1991 a título de comemoração do centenário da cidade, é uma espécie de linha do tempo demarcando datas e acontecimentos que seriam relevantes para se entender a história do município.

O livro consiste em um apanhado de acontecimentos organizados cronologicamente e apresentados em forma de tópicos, em que cada um dos itens é uma data relevante. Além dos acontecimentos sublinhados, vez ou outra, José Oscar permite-se alguma observação que pretende ser bem humorada ou que sugere uma ligação entre o passado e o presente da cidade.

Este trabalho não é muito mais do que uma síntese das informações que as três obras supracitadas apresentaram, mas nela encontra-se uma referência documental mais antiga que as demais, indicando presença de povos indígenas anteriores à data estabelecida oficialmente como de fundação da fazenda March. Todavia, essa nomeação de datas e referências a documentos a maior parte das vezes não é acompanhada das

fontes de onde foram obtidas aquelas informações. Por vezes foi possível encontrar, cruzando as informações deste livro com as demais, as fontes a que Oscar se refere, o que permitiu, ao menos para os objetivos desse texto, utilizar a obra em questão como fonte de informações sobre o assunto em tela.

Sobre a presença indígena anterior a March, a obra registra: “1583 - Índios da tribo de Araribóia recebem ‘sesmaria de quatro léguas, do rio Macacu à serra dos Órgãos’” (Oscar, 1991, p. 16); logo depois assinala: “1767 - São traçadas, por ordem do vice-rei, Conde da Cunha, as Cartas Topográficas da Capitania do Rio de Janeiro, nas quais, na região da Serra dos Órgãos, há referência a ‘sertão ocupado por índios bravos’”. (*Idem*, p.19); faz ainda mais duas menções: uma diz que na data de “1797 - O topógrafo Manoel Vieira Leão traça a Carta Geográfica da Capitania do Rio de Janeiro, apontando, na serra, amplo espaço como sendo ‘sertão ocupado por várias nações de índios bravos’”. (*Idem* p. 20) e a outra de que em “1817 - Aires de Cazal, em sua Corografia Brasilica, refere-se à existência de restos de índios ‘Sacarus na serra dos Órgãos’, acentuando que seriam ‘remanescentes da nação goitacá’. Frisa ser o rio ‘Paquêquera ramo do considerável rio Preto’” (*Idem*, p.21).

José Oscar teve acesso ao diário do inglês John Luckock, de onde tirou algumas observações sobre as condições da região no início do século XIX. Os relatos apresentados indicam que a vida colonial já se organizara morro acima antes da presença de March, com destaque para as fazendas e para os vários caminhos que rumavam a Minas Gerais.

O viajante inglês John Luccock assinala, em visita feita ao sopé da região serrana, que por trás da serra dos Órgãos ‘correm vários caminhos mal conhecidos que vão ter ao Paraíba, que dizem distar três dias de viagem, existindo na área, segundo seu relato, ‘propriedades de dez, vinte e até trinta milhas de comprido’. Acentua, ainda, ao passar por Córrego Seco (Petrópolis), que ‘na direção leste - portanto, em terras da atual Teresópolis - as estradas eram ruins e infestadas de índios’ (Oscar, 1991, p. 20).

O autor também informa que em 1819, “Pizarro e Araujo, nas ‘Memórias Históricas do Rio de Janeiro’, identifica a presença de índios Coroados por trás da serra, frisando serem ‘indígenas do sertão entre os rios Paraíba e Preto, além da serra dos Órgãos’” (Oscar, 1991, p. 20).

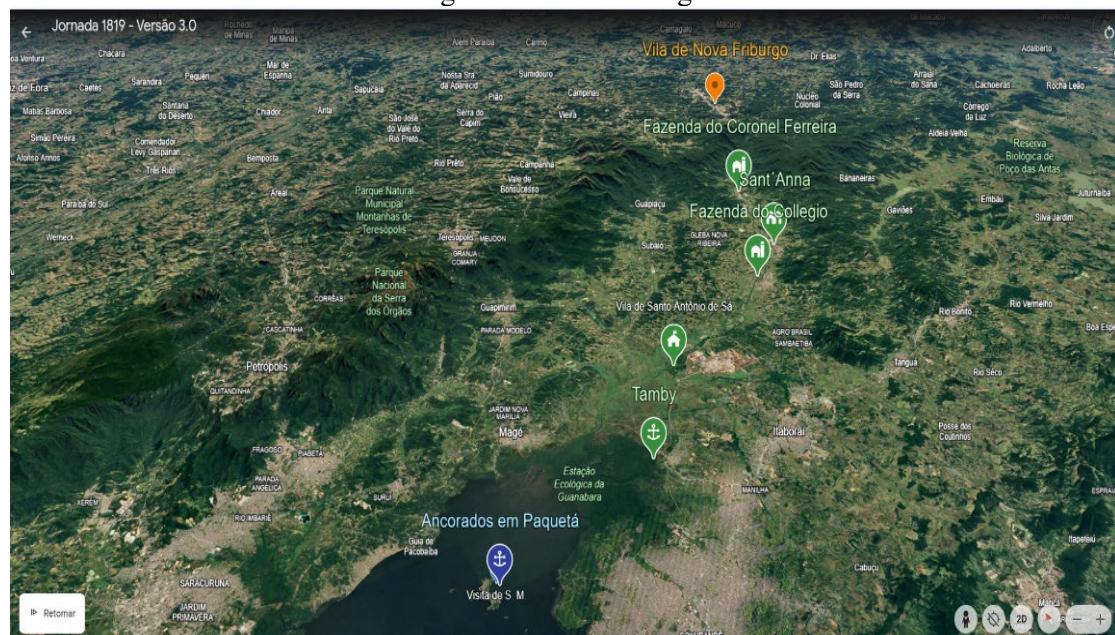
É nesse contexto que José Oscar destacou o arrendamento da “fazenda do

“Paquequer” em 1818 por George March nascida da antiga sesmaria, como se disse acima - doada a Joaquim Clemente da Silva Couto. Ele chamou atenção para outro acontecimento em 1818, que, só na aparência, poderia ser tratado como coincidência em relação à chegada de George March a Teresópolis, a saber, a chegada de uma colônia de 300 suíços a Nova Friburgo.

A recuperação dos diários dos suíços que se instalaram em Nova Friburgo ajuda a compreender a posição e os interesses na região que será Teresópolis para o empreendimento colonial. A Fundação D. João VI associou a rota descrita nesses diários à ferramenta *google earth*, o que permite a visualização tridimensional da região e de seus caminhos. Parte dos suíços que estavam a caminho de Nova Friburgo deixaram a rota e se dirigem para leste, tomando residência em Teresópolis, tais como Albert Fischer, dono da fazenda Soledad, que deu origem ao atual bairro do Fischer e James de Luze, fundador da Fazenda Constância. (Oscar, 1991, p. 22).

A caminhada dos suíços em direção à serra foi ordem do Imperador que pretendia ocupar e desenvolver a região. Ou seja, a tomada do solo da região serrana fazia parte da estratégia colonial, ao que tudo indica, de ocupar as regiões que faziam parte da ligação entre Minas Gerais e o mar. A ida de George March para a serra, vista neste contexto, não apresentava nada de peculiar ou desbravador, mas consistia em mais um movimento entre outros, para ocupação da região.

Mapa 3 - Mapa 3D da rota percorrida pelos suíços em 1819 saindo do Rio de Janeiro até a região de Nova Friburgo.



Fonte: Fundação D. João VI, 2025

José Oscar, assim como os demais narradores da origem de Teresópolis, destacam o caráter empreendedor do luso-britânico. E parece ser o caso. George March, como muitos outros, foi atraído para a região em busca de oportunidades de negócios, seja oferecendo abrigo às tropas que vinham de minas ou produzindo na agricultura produtos que abasteciam a demanda da capital. O que chama a atenção na obra dos memorialistas e historiadores da cidade é a facilidade com que saltam de um tempo ao outro, ou seja, como partem da descrição do comportamento de um empresário entre outros, instalado na região, para determinar as origens das vocações econômicas da cidade, tal como se vê nas palavras de José Oscar:

Em 1830 March constrói uma série de pequenas casas ou bangalôs para serem alugados a ricas famílias européias radicadas no Rio de Janeiro, durante a chamada "estaçao calmosa", nome pelo qual se designava o período de verão. Descobre, assim, o potencial turístico da região serrana (Oscar, 1991, p. 23).

José Oscar estava, provavelmente, reproduzindo a interpretação de Ferrez para quem “coube, portanto, a George March a primazia da introdução entre nós, do hábito de se subir a serra na estação calmosa” (Ferrez, 1970, p. 43).

Além do veraneio, a capacidade empreendedora de March teria legado a Teresópolis sua vocação para a agricultura e forjado seu futuro enquanto cidade de abastecimento agrícola da capital. Diz Ferrez:

Ao redor da casa grande, ficavam os campos da lavoura branca, onde cultivou nossos legumes, assim como os europeus destacando-se: a couve-flor, alcachofras e ervilhas que viriam a ser as grandes plantações atuais de Teresópolis que abastecem o mercado do Rio de Janeiro. Plantou árvores frutíferas européias, tais como pereiras, macieiras, marmeleiros etc., que, aos poucos adaptaram-se ao clima da serra. Tanto as hortaliças, como frutas e batatas eram enviadas ‘duas vezes por semana, por uma tropa de três lotes (21 animais) para o pôrto de Piedade, onde eram embarcados para o Rio’ (Ferrez, 1970, p. 43).

Voltando à obra de Oscar, depreende-se que os suíços que se instalaram em Teresópolis percorreram o caminho antigo que atravessa o distrito de Canoas e retornaram na direção da capital, isto é, entraram pelos “fundos” da cidade e voltaram na direção de onde hoje é o centro da cidade. Enquanto assim faziam, o empreendimento de

George March abria picada do extremo mais próximo ao Rio de Janeiro em direção ao interior do município. A fazenda Paquequer acabou tocando as fronteiras das fazendas suíças e March adquiriu uma delas – a Constância⁷ – em 1838 (Oscar: 1991, p. 22).

A região que foi chamada até aqui de “fundos” da cidade tem como referência o atual centro do município, que também é o local onde teria começado o empreendimento de March e onde o mito de fundação da cidade tomou forma. Mas o que foi encontrado na literatura e nos documentos visitados permite afirmar, em oposição, que a ocupação europeia da cidade começou bem antes de March e no sentido inverso ao que se acredita. Ou seja, é bem provável que as incursões e ocupações que deram origem ao município tenham começado com viajantes que fizeram uma viagem circundando a Serra dos Órgãos saindo do Rio de Janeiro, ou que tenham se instalado no costado da serra vindo de Minas Gerais.

Enquanto essa ocupação acontecia, os povos nativos, possivelmente, ou já haviam deixado a região ou estavam no meio do processo diaspórico. José Oscar registrou uma passagem do diário de George Gardner ilustrativa sobre a questão:

Em 1841 Visitando March pela segunda vez, George Gardner promove, a 11 de abril, como paisagista Hockin e alguns escravos da fazenda, a primeira escalada da Pedra do Sino. Nessa visita, vê Gardner, no interior, o trabalho de abertura da estrada Magé-Sapucaia, executado por Custódio Ferreira Leite, e encontra pequeno agrupamento indígena pouco acima de Serra do Capim, representado ‘por um índio que tem mulher e quatro filhos’ (Oscar, 1991, p. 24).

Esse encontro aconteceu no caminho que levava da Fazenda Paquequer a Minas, passando pela rota que seguia o rio Paquequer até desaguar no Rio Preto, em São José, tal como se vê no mapa 3 acima. Dessa maneira percebe-se que o empreendimento colonial domou o “sertão de índios bravos” e fez do “deserto inculto” de Alencar as cidades da região serrana do Rio de Janeiro.

No mais, é preciso dizer que o argumento da obra de José Oscar consiste exatamente na construção dessa linha cronológica que destaca a tal “pré-história” de Teresópolis, marcada pela presença dos tais “índios bravos”, passando pela fundação da fazenda March, até as visitas de famílias e autoridades ao município, se assemelhando à

⁷A fazenda Constância foi instalada no caminho que hoje liga Teresópolis a Friburgo, no bairro de Albuquerque, na rodovia RJ-130. A Fazenda não existe mais, mas sua sede estaria, nas distâncias atuais, a 68km de Friburgo e a aproximadamente 10km do centro de Teresópolis.

forma como Rahal reconstruiu a história do município: partindo de um passado desconhecido e mítico - a pré-história da cidade - e terminando na verdadeira história inaugurada pela conquista e colonização da região.

7 O PRESENTE DESSAS NARRATIVAS

Toda essa construção tem consequências peculiares. O Estado do Rio de Janeiro em 2010, por exemplo, através da ação dos seus parlamentares, estabeleceu uma política de turismo e fomento ao setor dividindo todo o estado por regiões, entre elas a região da Serra Verde Imperial⁸. O pressuposto da lei é a coincidência de elementos históricos, naturais, sociais e econômicos entre os diversos municípios daquela delimitação. O Projeto de Lei nº 1892/2012 complementa este e cria a semana da “Serra Verde Imperial” e a inclui entre as datas comemorativas do Estado⁹. Em sua justificativa se lê: “a presente proposição tem por objetivo homenagear a toda ‘Região Serra Verde Imperial’ e aos colonizadores e, descendentes, (...)” e prossegue:

[...] por isso, objetivando dar a todos os moradores, descendentes dos colonizadores sejam de nascimento ou coração, a primeira oportunidade de congraçar em torno de nossa riquíssima Cultura, aqui no Estado do Rio de Janeiro, será uma semana de cunho cultural e promocional da Região.

O que dizer da frase “descendentes dos colonizadores, seja de nascimento ou coração”? O mais provável é que após a abolição muitas pessoas outrora escravizadas tenham permanecido forçosamente nas fazendas. A ligação com os colonizadores para essas gentes, certamente não é de coração. Por outro lado, é verdade que os poucos colonos que pousaram em Nova Friburgo e Petrópolis não se comparam à imensidão de gentes presentes anteriormente e das quais pouco se fala na região e mesmo assim é inegável que estas duas cidades possuem marcas sensíveis da colonização suíça e alemã, respectivamente. Mesmo que de forma polêmica, essas são presenças fortes que

⁸ Projeto de Lei nº 3166/2010 que estabelece as regiões para desenvolvimento turístico e cria a “Serra Verde Imperial”

⁹ Disponível em <http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/scpro1115.nsf/18c1dd68f96be3e7832566ec0018d833/2021e3b6ae0f7b2083257ad9004fb74b>. Acessado em: jul. 2018.

possibilitaram que se inventassem tradições, festas e patrimônios ligados a essa herança suíça e alemã. Inserir Teresópolis na trilha da colonização europeia, aproximando-a das vizinhas é que parece estranho. Os deputados supuseram a história não desmentida desde Ferrez e organizaram uma política pública a partir daí, incluindo Teresópolis no roteiro imperial.

Mais recentemente, em 2021, foi a vez da gestão municipal, comandada à época por Vinicius Claussen (PL), de endossar a “colonização inglesa” de Teresópolis, através do projeto “Terê Tão Bela”, que possuía como proposta que:

Teresópolis recupere sua referência inglesa e se aproprie da sua identidade por meio do resgate de sua história desde 1818, quando começou a ser povoada pelo inglês George March, grande incentivador da agricultura e da visitação da região para turismo e veraneio¹⁰.

A ideia de recuperar uma identidade inglesa, tendo como referência George March, parece ter mais a ver com o presente – com vistas ao futuro –, do que propriamente com fazer jus ao passado teresopolitano. Sua fazenda durou pouco mais de 30 anos, após sua morte e desmembramento de suas terras por parte dos seus filhos, além disso, estava localizada em áreas que hoje se conhecem como Alto, parte eminentemente turística da cidade, dessa forma, restringe-se às áreas centrais a história de um município que possui três distritos. Além de se ignorar a presença indígena e quilombola. Esses, por não terem legado vestígios, desaparecem da história oficial. Por outro lado, essa falta de resquício não foi impeditivo para resgatar uma arquitetura inglesa, conforme o projeto “Terê Tão Bela”.

Nesse sentido, a matéria publicada pelo site *Multiplix*¹¹ é representativa do esforço de se resgatar uma identidade pouco ou nada enraizada pelos teresopolitanos. No projeto em questão, passa-se a utilizar a arquitetura inglesa como padrão para os códigos de construção, tanto da prefeitura, quanto como sugestão para empresários. O estranhamento frente a essa proposta encontra-se, sobretudo, na falta de marcas arquitetônicas deixadas pela colonização inglesa na cidade. Na verdade, por falta de dessa presença apela-se para a plantação de grama.

¹⁰PREFEITURA DE TERESÓPOLIS, 2021.

¹¹PORTAL MULTIPLIX, 2021.

Não satisfeito, mandou vir sementes de grama especial, Bermudagrass, formando por todos os vales da fazenda, bons pastos dos quais, ainda hoje, restam remanescentes como no campo de golfe. Conforme se pode provar pelas aquarelas inéditas, de autor anônimo e aqui reproduzidas, e por depoimentos de viajantes citados mais adiante, March desbastou e limpou a mata, deixando alguns exemplares da floresta e formando com esta grama magníficos pastos que davam impressão de lindos campos do sul da Inglaterra (Ferrez, 1970, p. 41).

Os interesses políticos e econômicos da gestão de Vinicius Claussen ajudam a explicar a motivação por trás desse resgate. Vincular, através de George March, a vocação Teresopolitana ao turismo e ao veraneio tende a beneficiar economicamente os empresários ligados ao setor turístico, como é o caso, inclusive, do próprio Claussen, dono de uma cervejaria e de um restaurante, localizado no bairro do Alto. Uma reunião¹² da prefeitura com o consulado Britânico, ocorrida em 2022, deixa claro quem pretende se beneficiar com essa proposta. Nela encontravam-se:

O Vereador Paulinho Nogueira, o presidente da Câmara de Dirigentes Lojistas de Teresópolis, Élcio Féo; o presidente da Associação Comercial, Industrial e Agrícola de Teresópolis, Philippe Coelho; o secretário e o tesoureiro do Sincomércio, Rodiney Turl e Pedro Turl, respectivamente; o vice-presidente do Teresópolis Convention, Pedro Alves; o promotor de eventos Azra El Akbar e a produtora de lúpulo, Teresa Yoshiko.

Um projeto feito por e para os empresários da cidade. A proposta mais representativa saída desse encontro foi o InglaSerra – Uma Viagem à Inglaterra na Serra Carioca.

Qualquer curioso que for à página da Prefeitura de Teresópolis, ou comparecer aos centros de informações turísticas da cidade, receberá inúmeros materiais indicando os pontos de interesse. Todos, sem exceção, destacam as belezas naturais e as construções nos caminhos que teriam sido abertos por George March. É como se a cidade devesse realmente aceitar que sua vocação, seu destino, é manter-se economicamente atrelada à capital fluminense na qualidade de exportadora de gêneros alimentícios¹³, aceitar de bom grado ser pouso para o veraneio e se orgulhar de seu potencial histórico na área turística,

¹²PREFEITURA DE TERESÓPOLIS, 2022.

¹³ Recentemente, Teresópolis deixou o posto de número um entre as cidades que contribuem para o PIB Rural do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em <https://www.tce.rj.gov.br/relatorios-lrf>. Acessado em julho de 2018.

supostamente inscrito por March na alma do município.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os autores analisados não se dedicaram a estudar mais a fundo a história dos negros e dos povos nativos da região. Tratam o que houve antes de George March como uma pré-história e fazem da fazenda do luso britânico o centro de irradiação da ocupação do município. Obras, como o livro de imagens de Rugendas¹⁴, tem imagens de povos indígenas vivendo na região de Friburgo e de negros tropeiros atravessando a montanha. Os diários dos viajantes amplamente citados por Ferrez e pelos demais contém experiências de encontros com indígenas na região em que hoje seria Sumidouro¹⁵, em Petrópolis, Magé, Guapimirim, e na região de Valença e Vassouras, ou seja, toda a região Serrana e do médio Paraíba. Por que também não se poderia dizer, mesmo sem registros diretos, que eles também habitavam o território que hoje é Teresópolis?

A escolha deliberada de Ferrez, que tanto influenciou os demais autores, demonstra que essa preocupação em sublinhar a atuação colonial em detrimento das outras histórias tem origens complexas. Uma das razões estaria ligada à concepção do que se comprehende como a área de Teresópolis da qual partem os autores. Ferrez parece supor que o território teresopolitano é somente aquele circunscrito às propriedades de March e desconsidera o que ocorre nas fronteiras do município. Logo, o que não faz parte do centro urbano da cidade ficaria de fora de uma narrativa sobre a formação de Teresópolis e nenhum relato de contato com indígenas seria digno de nota porque não seriam terras teresopolitanas.

O território que seria a fazenda representa, contudo, uma parcela bem pequena do território atual do município, exatamente a parte chamada de urbana ou central. Dessa forma, seria como se as regiões chamadas de interior, onde se concentra a produção rural, de alguma forma estivessem de fora da história do município. Isso produz uma espécie de círculo, isto é, os autores encontram aquilo que eles mesmos pressupuseram inicialmente: uma Teresópolis colônia circunscrita às posses do luso britânico George March.

¹⁴Disponível em: <http://vinholivrosehistoria.blogspot.com/2015/01/rugendas-e-serra-dos-orgaos-viagem.html>. Acessado em julho de 2018.

¹⁵ Disponível em <http://sumidouro.chez.com/indios.htm>. Acessado em julho de 2018.

Saber porque ele negligencia a presença dos negros é outra questão incômoda. A necessidade de afirmar as virtudes do colonizador é muito forte na obra de Ferrez e talvez esse comprometimento tenha amenizado os relatos que poderiam levantar suspeitas sobre o fazendeiro inglês. Talvez porque acreditava em alguma forma de “democracia racial” já que cita Gilberto Freire em sua obra. Embora essas questões suscitem curiosidade, nenhuma delas incomoda mais do que saber o porquê dos leitores e revisores da história da cidade não terem enfrentado o assunto e se acomodado à narrativa de Ferrez como a fonte legítima da fundação do município.

Existe entre os autores teresopolitanos uma identificação com certo “amor a Teresópolis” do qual próprio Ferrez parece compartilhar. Esse sentimento parece criar um compromisso ideológico apologético com a cidade. Então, as fontes dignas de respeito são aquelas que enaltecem de alguma forma a história do município, encontrando no momento de seu nascimento as virtudes europeias. O que significa que a “pré-história” da cidade não deveria ser contada porque é imoral, é uma “pré-história” ainda sem a boa civilização.

O que se desenha com o desfile incessante de elogios aos visitantes e a March e a preocupada apresentação dos diários dos ingleses é a construção de um passado, de uma memória para as comunidades vindouras, marcadas por um compromisso com o colonizador em contraste com todas as forças negras e indígenas que foram derrotadas e pavimentaram sua chegada. O que se sente é um desejo estranho de ter um colonizador para chamar de seu, a exemplo de Petrópolis com os alemães e Nova Friburgo com os suíços. Essas narrativas pertencem a um esforço de construção de uma identidade local e tocam em outras possibilidades, silenciadas e invisíveis, de contar as próprias origens.

O que está em jogo nesta arriscada tarefa de rever algumas das fontes canônicas sobre o município, sob pena de nada enxergar de novidade, é a tentativa de lançar uma pouca luz que seja sobre aquelas figuras, seres humanos escravizados e nações inteiras dizimadas ao longo do processo de colonização. Algo como uma mensagem enviada desde o passado dizendo que ali outro mundo existia e outra vida era possível. Quem tem contado a história, tem obliterado a memória de gerações inteiras dizimadas e é por isso que, mesmo na morte, os inimigos continuam vencendo. Por isso esta conclusão acompanha Walter Benjamin (1984) quando este afirma que:

O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio

exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se os inimigos continuarem vencendo. E esse inimigo não tem cessado de vencer. (Benjamin, 1984, p. 224).

Os muitos registros deixados pelos viajantes revelam algumas personagens. Primeiramente os negros e negras escravizadas. Muitas dessas passagens, mesmo que de forma opaca, descrevem como eram as senzalas, os hábitos alimentares, aspectos da socialização e da cultura dessas pessoas e claro, a forma do seu trabalho, seja cuidando da lavoura, da cozinha, guiando os colonizadores pela região ou remando as falusas¹⁶. Assumindo as dificuldades, deve ser possível remontar um pouco daquela história. A começar pela aproximação da história do “Quilombo da Serra”, também conhecido como “Quilombo de Maria Conga”, reconhecido pela Fundação Cultural Palmares. Ali há uma história de resistência, protagonizada pelo povo negro, tendo à frente uma mulher que ainda é desconhecida dos serranos. O mesmo esforço deve ser feito em relação às tropas que muitas vezes eram formadas por escravos comandados por um “comandante de tropa” e que movimentaram a economia e o desenvolvimento de muitas regiões. É muito provável que March tenha percebido a oportunidade de mercado aberta pelo movimento das tropas da região, oferecendo em sua fazenda abrigo e tratamento para os animais e para os tropeiros. Estes por sua vez são a ponta final da produção de café, açúcar e outras mercadorias em Minas. Eles são a presença desconcertante e necessária do trabalho que deu forma àquela região. O cotidiano do trabalho das tropas talvez indique mais do que se imagina sobre a cidade.

Os outros atores importantes são os indígenas. Se não foi possível encontrar nessas fontes teresopolitanas referências mais firmes, o mesmo não acontece com Nova Friburgo, Sumidouro, Petrópolis, Guapimirim, Magé, São José do Vale do Rio Preto, Carmo, Sapucaia. Todas essas cidades têm fronteiras secas com Teresópolis e registram presença de convivência com os povos originários. Não há chance de Teresópolis ter sido um espaço em branco para esses povos. Além disso, a guerra Luso-francesa em que se envolveram os Tamoios e Tupinambás e a consequente vitória lusitana com as catastróficas consequências para os indígenas resultou, de um lado, em um extermínio generalizado dos derrotados, e de outro na cessão de sesmarias aos Temiminós¹⁷ comandados por Araribóia. Estes teriam recebido sesmarias na região que mais tarde será

¹⁶ Meio de transporte utilizado para a travessia da Baía de Guanabara. Consiste em um barco de médio porte com duas velas e remos para os momentos sem vento.

¹⁷ Disponível em: https://pt.wikibooks.org/wiki/Hist%C3%B3ria_de_Niter%C3%B3i/Funda%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: jul. de 2018.

Niterói, mas também em todo o fundo da Baía de Guanabara. Anos mais tarde, diversas sesmarias seriam distribuídas aos portugueses que quisessem se instalar na região. Não é difícil concluir que o avanço lusitano em direção à baixada e à Serra dos Órgãos teria empurrado os índios montanha acima.

As fontes que este trabalho consultou dão algumas pistas para reconstruir uma narrativa diferente para a origem do município. Os indícios de uma outra história estão lá e é preciso contar essa história. Essa é a motivação deste trabalho e tomara seja a motivação dos trabalhos vindouros que serão capazes de redimir a história de Teresópolis.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, J. “**O Guarani**”. São Paulo: editora Ática, 2005, 20 edição.
- ALVEAL, Carmen Margarida Oliveira. “**História e Direito: Sesmarias e Conflito de Terras entre Índios em Freguesias Extramuros do Rio de Janeiro (Século XVIII)**” Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.
- BARREIRO, J. “**O botânico George Gardner e suas impressões sobre a cultura escrava no Brasil: Rio de Janeiro, 1810-1850**” História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.24, n.3, jul.-set. 2017, p.567-584.
- BENJAMIN, W. “**Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**”. São Paulo: Brasiliense, 1987, 3 ed.
- BOTELHO, Janaína: “**Terra de índios brabos**” A Voz da Serra, 23 de janeiro de 2014. Disponível em <https://avozdaserra.com.br/colunas/historia-e-memoria/terra-de-indios-brabos>. Acesso em: jul. 2018.
- CIDADES MARAVILHOSAS. “**Serra Verde Imperial**”. s/data. Disponível em: <http://www.cidadesmaravilhosas.rj.gov.br/serraverdeimperialTeresopolis.asp>. Acesso em: jul. 2018.
- FÉO, Roberto. “**Raízes de Teresópolis: Novas Histórias**” Vol. II. Teresópolis: Editora Zem, 2016.
- FERREZ, G. “**Colonização de Teresópolis: à sombra do Dedo de Deus 1700-1900**”. Rio de Janeiro: Publicações do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. n.24. 1970.
- FUMTRAM, 2025. Disponível em: <https://memoriadotransporte.org.br/>. Acesso em: maio 2025.
- FUNDAÇÃO D. João VI, 2025. Disponível em <https://www.djoaovi.com/jornada-1819>. Acesso em: maio 2025.

GOLLARTE et al.: “**Dimensões de uma jóia**”. Rio de Janeiro: editora Lyons Clube de Teresópolis, 1966.

GOOGLE MAPS, 2025. Disponível em:
<https://www.google.com/maps/dir/Serra+do+Capim>

GRAMSCI, A. “**Cadernos do Cárcere: introdução aos estudos de filosofia - a filosofia de Benedetto Croce**”. Rio de Janeiro: editora Civilização Brasileira, 1999, vol. 1.

ICMBIO, 2025. Disponível em:
<https://www.icmbio.gov.br/parnaserradosorgaos/atributos-naturais/50-hidrografia.html>. Acesso em: maio de 2025.

KOINONIA. “**Relatório Comunidades Quilombolas do Estado do Rio de Janeiro**”. Koinonia, 2021. Disponível em:
https://kn.org.br/wpcontent/uploads/2021/10/Relatorio_Quilombos-RJ-1.pdf

OSCAR, J. “**História de Teresópolis: síntese cronológica**”. Niterói: editora Cronos, 1991.

PEREIRA, Tainá: “**A fazenda March**” Proprietas, s/ data. Disponível em
http://patrimonios.proprietas.com.br/index.php/site/ver_patrimonio/56. Acesso em: jul. 2018.

PORTAL MULTIPLIX. “**Teresópolis quer resgatar história e legado da colonização inglesa da cidade**”, 16/12/2021. Disponível em:
<https://www.portalmultiplix.com/noticias/cultura/teresopolis-quer-resgatar-historia-e-legado-da-colonizacao-inglesa-da-cidade>. Acesso em: maio de 2025.

PREFEITURA DE MAGÉ. “**Primeiro quilombo da Baixada comemora 10 anos de certificação**”, 11/04/2017. Disponível em: <http://mage.rj.gov.br>. Acesso em: jul. 2018.

PREFEITURA DE TERESÓPOLIS. “**‘Terê tão Bela’: Prefeito Vinicius Claussen lança programa de resgate da identidade de Teresópolis nesta terça-feira, 23/11**”, 22/11/2021. Disponível em: <https://www.teresopolis.rj.gov.br/tere-tao-bela-prefeito-vinicius-claussens-lanca-programa-de-resgate-da-identidade-de-teresopolis-nesta-terca-feira-23-11/>. Acesso em: maio de 2025.

PREFEITURA DE TERESÓPOLIS. “**Prefeito Vinicius Claussen busca parceria do Consulado Britânico para alavancar projetos em Teresópolis**”, 26/08/2022. Disponível em: <https://www.teresopolis.rj.gov.br/prefeito-vinicius-claussens-busca-parceria-do-consulado-britanico-para-alavancar-projetos-em-teresopolis/>. Acesso em: maio de 2025

RAHAL, O. “**Imagens de Teresópolis**”. Teresópolis: Editora Gráfica Vida Doméstica, 1984.

RIO DE JANEIRO. “**Estudos Socioeconômicos: municípios do Estado do Rio de Janeiro**” 2017. Rio de Janeiro: TCE, 2017. Disponível em:
<https://www.tce.rj.gov.br/estudos-socioeconomicos1>. Acesso em: jul. 2018.

RIO DE JANEIRO. Projeto de lei nº 3166/2010. “**Dispõe sobre a regionalização do Turismo na Estado e dá outras providências.**” Rio de Janeiro: 2010.

SAID, Edward. “**Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**”. São Paulo: Cia das Letras, 3^a ed., 2007.

SANTOS, Marcos Antonio Granito dos. “**A Região do Ribeirão Sebastiana: um espaço social de vocação agrária em meados do século XIX (1850-1889)**” Dissertação de Mestrado UERJ – 2024

SUMIDOURO ONLINE. “**Os índios de Sumidouro**”. S/data. Disponível em <http://sumidouro.chez.com/indios.htm>. Acessado em julho de 2018.

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores, bem como no que se refere ao uso de imagens.